



“No meu antigo emprego não havia compreensão. Eu mal conversava com os donos, aqui eu tenho contato sempre com a gerente do local”, afirma a atendente Luciane Amaral

A vida ficou mais doce para elas

Vender doces é o que ela sabe fazer. Luciane Amaral, 24 anos, trabalhava em uma loja de chocolate até o segundo mês da pandemia: abril de 2020. Infelizmente, a vendedora foi demitida, e com o seguro-desemprego, resolveu visitar sua mãe no Amapá por alguns meses, porque não a via há algum tempo.

“A pandemia trouxe coisas boas e ruins. Por um lado, fiquei desempregada, mas consegui ver minha mãe que não via havia sete anos e, fui capaz de me despedir dela. Assim como eu ganhei ela, eu me despedi também”, conta a atendente. A mãe de Luciane, infelizmente, faleceu por complicações da covid-19.

Contudo, há outra parte boa nessa história. Porque, assim que voltou do Amapá, a jovem conseguiu uma nova ocupação. Seu antigo emprego ficava no Sudoeste e, bem perto da loja, ficava a Maria Amélia Doces. A sócia do local era cliente próxima de Luciane. Assim que soube que a atendente estava desempregada, quis contratá-la para a função.

Sua rotina é cansativa. Apesar de sair do Itapoã às 9h35 e chegar no trabalho às 11h, ela passa mais tempo esperando um ônibus do que no trajeto. Geralmente, pega dois ônibus: um, para a Rodoviária do Plano Piloto e, outro, para o Sudoeste.

“Eu tive medo demais de não conseguir outro emprego, tinha fechado tudo. Antes da pandemia o número de vagas já estava caindo. Eu fiquei desesperada, com medo mesmo de não conseguir uma ocupação de forma rápida, porque pago aluguel”, desabafa a vendedora.

De acordo com ela, o diferencial que há na atual loja em que trabalha é a proximidade que tem com a dona. “No meu antigo emprego não havia compreensão. Eu mal conversava com os donos, aqui eu tenho contato sempre com a gerente do local. Ela está sempre presente”, afirma.

Colega de trabalho de Luciane, Larissa Henrique, 25 anos, pensa o mesmo do local. A vendedora trabalha durante a semana, mas não deixa de fazer um curso de tanatopraxia e um dia por semana precisa sair um pouco mais cedo para ir presencialmente ao local, o que não é um impedimento no trabalho.

Diferentemente da colega, Larissa ficou sete meses desempregada na pandemia, mas, por sorte, recebeu auxílio-emergencial do governo, o que a ajudou. Seu currículo é extenso: trabalhou na Casa do Pão de Queijo; foi massoterapeuta na Vila Planalto e no Lago Norte;

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Lucas espera poder contribuir para a Previdência Social em breve

depois, voltou a ser atendente na Maria Amélia Doces da Asa Sul e foi estagiária na loja de Águas Claras.

Como o movimento aumentou, os proprietários da loja, que já conheciam Larissa, a colocaram na loja do Sudoeste e, em janeiro deste ano, ela voltou a trabalhar. “É um pouco cansativo conciliar, mas eu tenho conseguido e concluí o curso no fim de outubro. No dia que eu tenho aula, saio um pouco mais cedo para poder chegar a tempo”, afirma.

Carteira assinada

Lucas de Oliveira, 21, troca tela de celulares, conserta computadores e tablets, atende os clientes, além de fazer alguns orçamentos. O jovem está entre os novos empregados do comércio em 2021. Ele está há quase dois meses na GTech, loja que faz reparos de aparelhos eletrônicos, além de vender alguns acessórios.

Por enquanto, Lucas diz trabalhar informalmente, isso quer dizer que sua carteira não é assinada, e o acordo feito entre funcionário e patrão é de que o vendedor receberia semanalmente. “É difícil estar na minha idade trabalhar, e não contribuir para a Previdência Social. Queria poder estar pagando INSS e tendo FGTS”, afirma.

A expectativa, conta ele, é de que, completados dois meses de experiência, seu chefe o contrate e assine sua carteira. Sua rotina é de segunda a sábado, das 9h às 18h, com exceção do sábado, quando ele sai às 15h. Apesar de, às vezes, ser cansativo, segundo ele, é melhor do que passar esse período trancado em casa.

E a experiência tem sido recompensadora. “Muitos senhores de idade vêm aqui pedir algum conserto ou ajuda bem simples. O fato de aqui não ser uma lan house, e, sim, uma loja de informática, sempre atendemos esse tipo de cliente. Quando resolvemos coisas simples, eles ficam emocionados”, conta Lucas de Oliveira.